

Movimento cultural e geração

EVARISTO DE MORAES FILHO
(Especial para DOM CASMURRO)

Os movimentos de geração são assim mesmo. Formam-se independentes da vontade de cada um, como indivíduo. Surgem dos encontros fortuitos, das conversas despreocupadas de café. Uma palavra, uma idéia, um plano ditos ao acaso provocam novas palavras, novas idéias, novos planos. A princípio, tudo parece confusão, não há acórdio possível. Na força de ser original, ninguém dá a honra de concordar com o ponto de vista alheio ou seguir a opinião do outro. Mas pouco a pouco, pairando por sobre esse debate, os mesmos pontos de vista vão aparecendo, vão se separando dos seus autores, vão tomando corpo próprio. Já agora ninguém mais pôde tirar do todo o que é seu e o que é dos outros. A sua contribuição tornou-se anônima entre eles. Muitas vezes o que pensa ser dele lhe foi dito pouco antes por outrem, que também levou alguma coisa dele. E é assim, nessa troca vadia de idéias, nesse jogo livre de planos, que se criam os movimentos literários, filosóficos, de geração em suma.

Ninguém combinou nada, quasi tudo era diferente entre eles. Não leram a mesmos livros, não viveram a mesma vida, não têm os mesmos temperamentos. Trazem educação, tendencias, ideais diversos, mas — para surpresa de todos — trazem uma coisa em comum: um convite. Não interessa a cor do papel ou o timbre da letra, só importa o que está escrito. E o teor desses convites, com pequenas variantes, é mais ou menos o seguinte: "nós, sem compromissos, grupos ou escolas, convidamos vocês, para lancar um novo movimento de renovação de valores". O programa pouco importa, o nome também, até é melhor mesmo que não tenha nenhum: o que é preciso é renovar, transmudar, acabar com o velho, quando injusto, errado

ou inatural. Mas isso não quer dizer que é preciso renovar a todo transe, pelo simples prazer de espantar, como quem destrói a torto e a direito. Se não existe programa é somente para dar maior liberdade de orientações, não que falte um. Todos sentem e sabem que existe um fundo comum por trás das suas realizações isoladas. E essa unidade de pontos de vista, como base que é de todo movimento, também surgiu ao acaso. E com ela, todos se abrem, contam-se os ideais, as esperanças, os planos. A surpresa de ainda há pouco torna-se maior, redobra-se: embora separados pela vida, esmagados pelo trágico quotidiano, isolados pela própria necessidade de ganhar o pão, todos eles foram criando o mesmo ideal, e — o que é mais — pensaram o mesmo pensamento, tiveram a mesma idéia, sentiram a mesma revolta.

E' esse o maior argumento de que a renovação não é arbitrária nem artificial. Não o é porque estava no ar, nasceu de fora para dentro, fez-se sentir em cada consciencia em separado, como algo que se continha no proprio espirito do tempo. O movimento seria arbitrário se provocado por manifestos doutrinários, secos, sem eco no meio em que foi lançado. Mas esse movimento surgiu antes de um encontro de ideais que iam se reunindo ao acaso, daqui e dali, á vontade livremente. Cada um deve se apresentar como chegou, de paletó aberto ou fechado, de chapéu ou sem êle, calçado ou descalço, nada de formalismos ou etiquetas. O traje é de passeio, ninguém é obrigado a usar casaca e peitilho duro, se isso lhe desagrada. Mas o que parece desordem á primeira vista nessa liberdade de indumentária, é justamente o ponto de encontro entre todos: o que se quer é ser natural, humano, sem escolas nem b'zarrices, sem histerismos nem falsas originali-

dades, sem conformismos nem regionalismos.

O programa resumê-se nessas últimas palavras. Já basta de tanto sacrificio da literatura, da poesia, da pintura, que se prendem a blocos e a municipios, em prejuizo do seu sentido universal e humano. Nada mais é preciso para fazer parte deste movimento — talvez ainda incompleto e na realidade sem nenhuma combinação prévia — a encetar itinerarios — do que o firme propósito de colocar o elemento humano no centro da arte, como alguma coisa que lhe é imanente por natureza. Nada de Morte, Vida, Caminhos, Amada, Anjos, com maiúsculas, nem tão pouco de arranjos artisticos de pura arte, imponderaveis como as almas do outro mundo. Do velho, só se procurará destruir o que for injusto ou errado. Agora, uma coisa é certa, essa quantidade de justiça ou de verdade só será julgada pela nova geração. Ai então é que aparece a geração como criterio julgador, como alguém que se sente roubado e pede contas. O que fizeram os nossos "mestres"? O que nos deram esses senhores? O que poderá ser ainda aproveitado? E para esse julgamento é que se convocam aqui todas as correntes, afim de que não sejamos injustos também.

Já é tempo agora de irmos justificando filosoficamente — como se isso fosse preciso — este movimento. Foi em 1827, em conversa com Eckermann e em resposta á sua opinião sobre "Les Brigañds", de Schiller, que Wolfgang Goethe disse: "Ainda que o mundo progrida sempre, como um todo, a juventude terá de começar sempre de novo e passar, como um simples individuo, por

todas as épocas da cultura universal". Isto é, a cultura humana caminha por movimentos ritmicos de renovação. E quem capaz de renovar senão o elemento moço? Não vamos cometer a injustiça de Keyserling que, aos 45 anos de idade, declarou que só a juventude é produtiva. Todas as idades produzem ou pôdem produzir, mas o que só a mocidade — como esta pobre palavra está desprestigiada! — pôde fazer é renovar, crear de novo, rebelarse. O velho dificilmente fará isso, entre muitos outros, por dois motivos principais: 1.º — porque também renovou quando era moço, e renovar de novo seria destruir a sua propria criação, seria se rebelar contra a sua propria obra. E muitas vezes o seu exemplo foi seguido por muitos outros, êle fez escola, e agora sente-se preso dentro das malhas que êle proprio começou a tecer, mas que outros a terminaram mais depressa do que êle supunha. Recuar agora é impossível, e ei-lo de revolucionário a conservador, e de conservador é reacionário. Foi a propria vida, a necessidade de adaptar-se, que o forçou a tal atitude. Como são difíceis os rebeldes permanentes! Não se conta tempo por calendario e sim pelos movimentos de cultura, que também são sociais. Dize-me a que movimento pertences e eu te direi quem és... Ou renovar-se, ou morrer. Não no sentido formalista e puramente estético de D'Annunzio, mas no sentido das novas criações humanas e necessidades sociais. Cada um tem a idade que a sua cultura aparenta. 2.º — porque o velho — usamos a palavra "velho" na acepção dos já instalados e socegados na vida, dos conformados — está cheio de

compromissos de toda ordem, políticos, sociais, económicos, familiares e mesmo literários. Ele deve a alguém a sua situação social. O respeito humano proibe-lhe de se rebelar e embora assistindo com simpatia e compreensão a qualquer movimento de transmutação de valores, êle nada poderá fazer de pratico a seu favor e muito menos tomar parte nêle. Os bem instalados na vida são sempre sujeitos de julizo. Não estão mais em idade de fazer loucuras...

Em 1872, Cournot publicou dois volumes — hoje, clássicos — com o titulo de *Considerations sur la marche des idées et des événements dans les temps modernes*. Na sua primeira parte é estudada a questão da unidade histórica e da geração. Apesar de achar que a mocidade sofra a influencia dos mais velhos, muito mais do que ela supõe, conclue Cournot por dizer que "também não há como a observação dos fatos históricos para que nos possa ensinar realmente como a renovação gradual das idéias resulta da substituição insensível das gerações umas pelas outras e qual o necessário para que a mudança se torne sensível, a ponto de distinguir uma época de outra". Este trecho não apresentaria novidade alguma, se não dissessemos que Cournot baseia toda a sua doutrina da sociedade nesse suceder continuo de gerações. Para êle, todas as tendencias dominantes de um dado periodo histórico prendem-se á idade de seus dirigentes. E' assim por diante. A tal ponto êle aprofunda essa questão que a chega a fazer uma teoria das revoluções baseada também nos seus estudos sobre geração. A guerra atual (Conclue na página 11)

JAEMF 34-45/6

é um exemplo do que ficou escrito acima. Apesar de todas as causas económico-sociais, de natureza comercial e financeira, que lhe condicionaram e determinaram, a presente guerra tem muito de vingança pessoal, de reivindicação de uma geração. Hitler foi antigo combatente, e são os da sua idade que governam o país. Toda a mística e ideologia política do nazismo saíram de suas cabeças, como motivos concientes e voluntarios. Podia na mesma situação social ter se originado outro movimento, de conteúdo político diverso. Quem sabe?

Muito mais viva e interessante do que as considerações de Cournot é a moderna teoria alemã das gerações culturais. Vinda de Ranke, passou por Dilthey, e hoje se encontra exposta principalmente em Max Scheler (morto em 1928) e Karl Mannheim (ex-pulso da Alemanha pelo nazismo). A este respeito, Wilhelm Pinder fez estudos definitivos aplicando-a à historia da arte. Eduardo Wechsler fez a mesma coisa na história da literatura, e Alfredo Lorenz na história da música. Para eles, os ritmos de renovação cultural são sempre movimentos de gente nova. "Modernos e antigos", é como chamavam esse contraste no Renascimento. Esses períodos são grandemente produtivos e neles a mocidade de cada tempo rompe com a tradição dominante da geração anterior. E' que nessas épocas já está concluída a unidade de cada grupo moço, que em face de uma dada situação social, vê-se obrigado a reagir de um modo novo. O que lhe deixaram seus pais já não serve mais para a nova situação que se formou.

ca necessidade de renovar ao mesmo tempo. Não se conhecem, nunca se viram, não sabem os seus nomes, não chegaram a sofrer influencia um do outro, mas sentem e anseiam a mesma coisa. E esta coisa só pôde ter uma expressão comum — um movimento renovador. A geração dos modernistas — que foi sem dúvida a mais produtiva e unitária desses últimos anos no Brasil — está se estiolando, já deu tudo o que tinha de dar, a despeito de suas modificações internas e adaptações aos novos períodos politico-sociais, surgidos após a sua maior vitalidade. Hoje, aqueles entusiastas de 1922 e 1924 já são quinquagenarios, são catedráticos, académicos, directores de companhias, industriais, burocratas do espirito. O movimento de mão mais em forma ou em elementos méramente estéticos. Já passou a época de Pioli, e vê-lo fazer graça agora é ter a impressão de um "clown" reumático. O público está sério demais, preocupado com os graves problemas do mundo, que afinal de contas são os seus proprios, e não pôde perder tempo com gralhas fúteis. Ele sabe que é preciso pensar e colocar honestamente os seus problemas e apreensões, antes que se torne tarde. Não é mais hora de virtuosos...

Evaristo de Moraes Filho.

Os movimentos de geração são interiores. Vão desde a ciência á religião, desde a poesia á metafísica. Tudo passa por um crivo de transformação. E' uma nova geração que recolhe e modifica a anterior diferenciando de valores plasmados na cultura ambiente. Não tira do nada, e nem poderia fazê-lo. Aproveita o que lhe transmitiram. Mas, como para renovar, é preciso entusiasmar e impulso, essas épocas de renovação se caracterizam por um grande potencial de forças afetivas que se libertam. Cada renovador — ou o que se supunha tal — pensa ser único e sua criação definitiva e principal. Para Descartes, por exemplo, a geometria analítica era a ciência natural em geral, incluindo mesmo a metafísica da natureza. Para a moderna "filosofia da vida", como outro exemplo, tudo resulta da "vida", tudo se prende á "vida", não há mais pensamento puro, nem intelectualismo absorvente. tudo encontra a sua solução na propria "vida" concreta.

E como só a mocidade é capaz desses entusiasmos, a ela pertencem essas épocas. Todo o movimento de renovação é um movimento emocional, a par do seu complemento intelectual e filosófico. Em resumo toda a teoria das gerações culturais gira em torno dessa periodicidade de movimentos culturais por geração.

Outra grande característica desses movimentos é que eles surgem de todos os lados, como se existissem avisos misteriosos no ar. Ninguém marcou encontro, mas todos se encontram á mesma hora no mesmo local. Todas as estradas vão dar em Meca... Cada um sentiu idênti-